



Uma experiência em transição agroecológica nos assentamentos de reforma agrária do sul de Minas Gerais

Lêda Gonçalves Fernandes¹, Nathalia Lopes Caldeira Brant², Debora Belmiro Natal³, Henrique do Prado Samsonas⁴ e Bruno Rodrigo Silva Diogo⁵.

¹Doutora em Agronomia/Entomologia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: leda.fernandes@ifsuldeminas.edu.br; ²Assistente Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestra em Serviço Social pelo Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UNESP/França. E-mail: nathalia.brant@ifsuldeminas.edu.br; ³Engenheira Agrônoma pelo Instituto Federal em Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. (IFSULDEMINAS – Campus Machado). E-mail: deborabelmiro@live.com; ⁴Engenheiro Florestal pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), especialista em Produção de Leite Agroecológico pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: henriqueflorestal@yahoo.com.br; ⁵Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em Economia e Desenvolvimento Agrário pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: brsdiogo@gmail.com.

Resumo: As principais atividades produtivas das famílias assentadas no sul de Minas Gerais estão nos cultivos de feijão, milho e café, sendo esta a principal fonte de renda. A maioria dos cultivos é conduzida no manejo convencional, com adubos sintéticos e agrotóxicos. A transição agroecológica começou em 2012, resultado da iniciativa dos agricultores assentados e dos estudantes do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do Campus Machado. Considerou-se que a construção de conhecimentos sobre a valorização da natureza e sobre a produção sustentável passaria pelo resgate dos saberes e participação efetiva dos produtores, estudantes e demais envolvidos. A partir da articulação do tripé ensino/pesquisa/extensão, a proposta se constituiu como uma ação extensionista construída coletivamente. As atividades desenvolvidas foram muito importantes no alcance dos objetivos propostos, ou seja, promover a agroecologia na região, fortalecer a Educação do Campo e a luta pela reforma agrária.

Palavras-chave: Cafeicultura; Experimentação Camponesa; Educação do Campo.

1. Introdução



Em 2012 o Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Campus Machado, aprovou o projeto de pesquisa e extensão intitulado “Implantação de unidades demonstrativas de transição da cafeicultura convencional para a agroecológica em áreas de reforma agrária do Sul de Minas Gerais”, Chamada MCTI/ MEC/MAPA/CNPq¹ n. 46/2012. O Projeto envolveu diretamente vinte e quatro famílias assentadas, e mais de duzentas famílias foram envolvidas indiretamente, através da implantação das unidades demonstrativas de arranjos produtivos agroecológicos, nos projetos de assentamento rural Primeiro do Sul, no município de Campo do Meio/MG; Santo Dias, em Guapé/MG e no; pré-assentamento Nova Conquista, no município de Campo do Meio/MG.

Ao longo de sua história o IFSULDEMINAS direcionou suas atividades sempre de forma a proporcionar a integração com o desenvolvimento local e regional, refletindo sua abrangência e inserção no contexto social. A economia do sul do estado de Minas Gerais, região onde o Instituto está situado, está calcada na produção agrícola e agroindustrial, tendo o café como base produtiva e maior gerador de emprego e renda na região, na qual se destaca a agricultura orgânica, que vem crescendo a cada dia, assim como o número de agricultores organizados.

O IFSULDEMINAS-Campus Machado considera que os assentamentos são espaços ricos para uma transformação da realidade do ensino do campo, na medida em que as próprias famílias assentadas, envolvidas com esta questão, se esforçam para melhorar a escolarização, o acesso e a qualidade das escolas. Desta forma, considera também que através de ações integradas e participativas, poderão potencializar a construção, sistematização, socialização e utilização de novos conhecimentos pelos produtores e suas famílias o que, conseqüentemente, contribui para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

O conhecimento sobre a produção agroecológica do café, principal cultura da região, deve, portanto, ser reconstruído com os sujeitos em aprendizagem, em situações de problematização da realidade, diante das possibilidades de realização e diante dos contextos encontrados. Os sujeitos do espaço acadêmico devem trabalhar em conjunto com os sujeitos do campo, considerando tanto as

¹Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Ministério da Educação; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



limitações e possibilidades de conhecimento de ordem técnica, cultural e pessoal, quando as conjunturais, de ordem econômica, geográfica e outras. Somente pela reconstrução de conhecimento de forma problematizadora e dialógica será possível chegar às mudanças consistentes, duráveis e profundas.

Nesta perspectiva, a implantação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEAPO), constituído por estudantes, docentes e técnicos administrativos do campus, além do apoio de pesquisadores de outras instituições, instituído a partir da chamada já citada, possibilitou fomentar a transição da cafeicultura convencional para a agroecológica.

2. Histórico e objetivo da experiência

Sistemas de produção, manejados de acordo com os princípios da agroecologia, são constatados a partir de uma realidade com altas produtividades, estabilidade ambiental, conservação da biodiversidade, conservação do solo e água, além de promover uma maior valorização da agricultura familiar, garantindo trabalho, renda e equidade social. Em áreas de assentamentos e acampamentos rurais a produção agroecológica tem sido estimulada justamente por atender aos anseios dos agricultores familiares, além de se adequar à realidade dos mesmos. Capacitar e orientar os assentados e acampados sobre as diferentes técnicas agroecológicas, é uma necessidade. Porém, a introdução de novos conceitos pode ser dificultada em função das experiências que muitos já desenvolveram. Ao mesmo tempo, muitos destes saberes acumulados precisam ser valorizados.

Neste sentido, acreditou-se que iniciar a construção de conhecimentos sobre a valorização da natureza e o seu uso de forma correta e sustentável, por meio da implantação de unidades demonstrativas de transição agroecológica, onde o produtor pudesse acompanhar todo o processo, poderia ter um efeito maior no cotidiano dos assentamentos e acampamentos rurais, estimulando assim a participação efetiva e adesão dos produtores envolvidos. O projeto foi desenvolvido nos assentamentos “Primeiro do Sul” e “Santo Dias”, localizados nos municípios de Campo do Meio e Guapé, ambos no sul do estado de Minas Gerais. Conforme a classificação adotada pelo Instituto



Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essas cidades pertencem à mesorregião do sudoeste mineiro e à microrregião de Furnas.

O assentamento Primeiro do Sul, em Campo do Meio/MG, existe desde 1997 e está localizado na antiga Fazenda Jatobá, situado a 310 km de Belo Horizonte e a 13 km do centro do município. Sua área total é de 889,00 ha, sendo distribuídos para quarenta e cinco famílias em lotes individuais, organizados pela Associação dos Assentados da Fazenda Primeiro do Sul (ASFAPSUL). Já o assentamento Santo Dias, em Guapé -MG, existe desde 2006 e está localizado na antiga Fazenda Capão Quente, situado a 281 km de Belo Horizonte, a 23,4 km do centro do município e 5,4 km da comunidade mais próxima (Aparecida do Sul). Sua área total é de 1788,32 ha, sendo distribuídos para quarenta e nove famílias em lotes individuais e coletivos, organizadas pela Associação dos Agricultores Familiares do Assentamento Santo Dias (AAFASD).

Esses dois municípios do sul de Minas Gerais, Campo do Meio e Guapé, apresentam uma economia local baseada na agricultura, com a predominância do café para exportação, leite, gado de corte, cachaça artesanal e milho, dentre outros produtos de subsistência. No Assentamento Primeiro do Sul a realidade é semelhante às regiões cafeeiras. Resgatando o histórico da origem e constituição desse assentamento, que possui quinze anos de constituição, observa-se que, desde o princípio, o café sempre ocupou posição de destaque no enfoque produtivo das famílias assentadas. Atualmente, a maioria das famílias desta área produz café com emprego do manejo convencional, com exceção de poucas que vem buscando a mudança para um manejo orgânico.

No pré-assentamento Nova Conquista, também no município de Campo do Meio, a realidade é diferente. Esta área possui menos de dois anos de constituição, as famílias ainda estão na fase da escolha dos arranjos produtivos que irão adotar agora e no futuro. Contudo, a falta de alternativas à cafeicultura convencional poderá levar as doze famílias a adotarem práticas locais degradantes já consolidadas, conforme relato dos coordenadores da área. A capacitação e orientação das famílias para as práticas agroecológicas são de fundamental relevância. Desta forma, este projeto teve como objetivo apresentar e comparar três arranjos produtivos de café com bases ecológicas, para um processo de transição da cafeicultura convencional para a cafeicultura agroecológica, que se estabeleceu através da



produção e socialização do conhecimento entre a equipe de coordenação do projeto e as famílias envolvidas.

A definição das áreas/assentamentos onde foram implantadas as unidades demonstrativas de transição agroecológica foi feita a partir de seminários realizados nos dois assentamentos (Campo do Meio e Guapé - um em cada), para os quais foram convidadas e reunidas todas as famílias assentadas e produtoras. Estes seminários tiveram como objetivo apresentar e explicar o projeto para toda a comunidade e enfatizar a necessidade e importância do envolvimento coletivo e da participação. Neste momento, foi feito o convite às famílias para o envolvimento nas áreas de trabalho, estudo e assunção de responsabilidades no projeto. Foi também explicado que o projeto seria desenvolvido em um período de dois anos, com a possibilidade de prorrogação por mais seis meses.

Toda a estratégia de trabalho e implantação da transição para o trato ecológico foi apresentada às famílias com espaço para esclarecimentos e explicações, ponderando que ajustes e reconsiderações poderiam acontecer em função do conhecimento popular das famílias e de condicionantes reconhecidas naquele contexto. Foram estudadas vinte e quatro áreas com lavouras de café já implantadas e em produção, sendo dezesseis áreas no município de Campo do Meio e oito no município de Guapé. Quatro arranjos produtivos diferentes foram estudados, com seis repetições cada um, sendo eles: café convencional, café Sat – sem agrotóxico (SAT), café orgânico a pleno sol e café agroflorestal orgânico, totalizando assim vinte e quatro talhões/áreas.

Ao longo do período de execução do projeto todo o processo de transição agroecológica foi avaliado e teve a participação direta e efetiva dos estudantes do NEAPO e dos produtores assentados. Utilizou-se como parâmetros para avaliação do processo de transição dos diferentes arranjos produtivos propostos a sustentabilidade ambiental, econômica e social das áreas /lotes em transição, a incidência de pragas e doenças nos cafeeiros, os custos de produção, a produção e a produtividade em cada um dos arranjos estudados.

Além das atividades já descritas realizaram-se também intercâmbios com as famílias dos agricultores assentados em outras unidades com experiência em cafeicultura agroecológica/ orgânica já consolidada, no intuito de conhecer experiências já implantadas e em funcionamento, como é o caso



dos agricultores familiares da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo/MG (COOPFAM). Essa atividade foi importante para a observação e troca de aprendizado, pois possibilitou, a partir da experiência e da realidade visitada, fazer reflexões sobre a própria experiência e realidade dos que estavam visitando.

Dois cursos de capacitação, com carga horária de 160h cada, foram executados para os produtores assentados que diretamente estavam envolvidos no projeto e para outros que demonstravam interesse pela produção agroecológica. Foram contemplados neste curso temas como agroecologia, sistemas orgânicos de produção e educação ambiental, matemática da produtividade, educação do campo, manejo alternativo de pragas, doenças e plantas espontâneas, fertilidade e conservação dos solos, produção de composto orgânico e caldas fitoprotetoras e certificação orgânica.

Além dos cursos de capacitação, foram realizadas ainda oficinas com temas diversos; palestras ministradas nos Encontros de Agroecologia, promovidos pelo NEAPO e IFSULDEMINAS-Campus Machado; feiras agroecológicas, em parceria com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), para a promoção dos alimentos orgânicos; jornadas universitárias da Reforma Agrária e Encontros Regionais de Agroecologia. Consideramos que estes cursos, encontros, oficinas e palestras foram fundamentais para formação, capacitação e qualificação dos produtores assentados envolvidos diretamente e indiretamente no projeto, bem como para a formação dos educandos, docentes e demais integrantes do NEAPO.

Estes conhecimentos permitiram a solidificação de conceitos importantes para a implementação do processo de transição agroecológica proposto no projeto. Para fomentar e assegurar a participação dos assentados e assentadas, durante toda a evolução da proposta, aconteceram sete reuniões bimestrais em cada município, Campo do Meio e Guapé, entre o grupo de produtores e estudantes com a equipe de coordenação do projeto. Nestas reuniões também se levantava a percepção das famílias dos produtores sobre as atividades desenvolvidas, suas dificuldades, resultados obtidos, sugestões e propostas.

No encerramento do projeto foi realizado um seminário com todas as famílias assentadas e comunidade dos assentamentos, com os estudantes e equipe coordenadora. Este espaço permitiu uma



reflexão conjunta de todos os avanços conseguidos, das dificuldades encontradas e de propostas para continuidade da socialização e prática da agricultura agroecológica e sustentável nas áreas dos assentamentos.

3. Descrição e reflexões sobre a experiência

Este projeto, por meio da implantação do NEAPO, teve como objetivo fomentar a transição da cafeicultura convencional para a agroecológica, implantando unidades demonstrativas de arranjos produtivos agroecológicos nos assentamentos de reforma agrária. Consideramos que este objetivo foi alcançado, já que das dezesseis famílias diretamente envolvidas, oito já estão certificadas como produtores de café orgânico, por meio da Cooperativa de produtores familiares de Poço Fundo-MG (COOPFAM) e região. Além de outras trinta famílias que participaram indiretamente e que também optaram pela transição agroecológica e certificação. Afora desta certificação (por auditoria) realizada pela COOPFAM, os produtores também estão passando pelo processo de certificação social participativa, em colaboração com a Central de Orgânicos do Sul de Minas.

Por meio das parcerias estabelecidas pelo projeto, estas famílias conseguiram ter acesso mais fácil aos insumos e tecnologias necessárias ao processo de transição agroecológica, conseguiram comercializar seus cafés diferenciados (agroecológicos) mais facilmente, além de também ter acesso mais fácil ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF), ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). No entanto, para a conquista destes objetivos, foi preciso uma mudança de comportamento, atitudes e pensamento, especialmente por parte da equipe executora, coordenadores e estudantes.

A constituição de unidades demonstrativas de transição da cafeicultura convencional para a agroecológica em lavouras estabelecidas em áreas de assentamento e a utilização de técnicas participativas de execução, avaliação e monitoramento dos trabalhos e a valorização do trabalho em grupo foram ações necessárias nesse processo. A construção coletiva e participativa de todo o processo foi fundamental para a consolidação e apropriação dos conhecimentos agroecológicos. Além disso, os cursos de capacitação, oficinas, palestras e encontros permitiram a promoção e a socialização do



conhecimento teórico e prático da cafeicultura agroecológica nas áreas de reforma agrária no sul de Minas Gerais, adequada à realidade da família camponesa.

Determinadas atividades pensadas e propostas precisaram ser modificadas para atender a realidade dos produtores assentados e, de certa forma, isto contribuiu para um maior envolvimento dos mesmos e assunção de responsabilidades com os experimentos em execução. Os espaços de discussão facilitados pelas reuniões com as famílias, as visitas técnicas e intercâmbio foram fundamentais neste processo. As reuniões foram realizadas com as famílias no intuito de planejar atividades e avaliar as ações realizadas, além de esclarecer dúvidas, discutir sobre experiências adquiridas, avanços ocorridos e limitações existentes no lote, de modo que os participantes pudessem orientar, de acordo com os conhecimentos, a parte técnica e o planejamento das atividades.

Nestes espaços foi possível identificar a razão pela qual os produtores decidiram participar do projeto. A grande questão motivadora foi a preocupação com o meio ambiente e com a saúde. A maioria dos produtores assentados comentou sobre o uso abusivo de agrotóxicos nas lavouras de café e outras culturas na região. Foi unânime entre as famílias a necessidade de mudança na forma de manejar suas lavouras, como foi relatado² por alguns agricultores quando perguntados se o projeto atendeu suas expectativas:

(...) Com certeza, atendeu sim. Atendeu porque a gente já vinha falando daquela ideia de tentar sair fora dos agrotóxicos que não é de uma vez a gente vai saindo é aos poucos né, e foi a porta aberta pro futuro nosso sair fora dos agrotóxicos (José).

(...) A mudança que eu vejo lá não foi só na lavoura, eu vejo a mudança na minha própria vida, porque a gente já tinha vontade de sair dos agrotóxicos e o que eu vejo na área do orgânico já me dá uma alegria muito grande porque a gente tá veno que tem uma saída pra gente sair dos convencionais, e que não é tão difícil não é um bicho de sete cabeças né. É uma coisa fácil e cada dia que passa eu to veno que a lavoura ta miorano ela está alcançando algumas coisas que a gente queria alcançar né. É uma coisa que pode trabalhar tranquilo, diferente dos convencionais que temos que ir todos empacotado com mascaras, com luvas, com botas. Lá não, lá a gente pode trabalhar descalço se quiser, natural. Então eu estou muito satisfeito e pretendo avançar mais (Maria).

² Utilizou-se nomes fictícios para preservar a identidades dos/as entrevistados/as e todas as entrevistas foram devidamente autorizadas.



O monitoramento periódico das pragas do cafeeiro e de seus inimigos naturais se constituiu em uma importante ferramenta para a avaliação e comparação dos arranjos produtivos estudados. Os resultados obtidos neste estudo permitiram concluir que cafeeiros em transição agroecológica são ambientes favoráveis para a manutenção e preservação de inimigos naturais do bicho mineiro do cafeeiro e que, conseqüentemente, contribuem para o controle da população desta praga. A participação dos produtores nesta atividade foi uma oportunidade para que os mesmos colocassem em prática técnicas alternativas ao pacote tecnológico convencional e percebessem seus benefícios ao se apropriarem das mesmas. Ao mesmo tempo, o diálogo com os assentados pode revelar os conhecimentos que possuíam sobre os insetos, pragas, fungos e outros. Neste contexto, os cursos de capacitação e oficinas contribuíram muito para apropriação deste conteúdo pelos produtores assentados.

Em cada arranjo produtivo implantado foi realizado pelo produtor e pela equipe do projeto, o acompanhamento e anotações de todos os gastos realizados com o manejo da lavoura durante o período de execução da proposta. Os resultados mostraram que os custos do manejo dos arranjos produtivos em transição foram semelhantes, porém todo o custo com insumos foi garantido pelos recursos do projeto. Dentre as diferentes demandas destes produtores a independência de insumos externos, como adubos e insumos para manejo de pragas e doenças em suas áreas produtivas é a que mais se destacou. Esta situação permitiu uma reflexão profunda sobre a necessidade das propriedades/lotês de buscar a autossuficiência o que tende a acarretar em um aumento na produtividade agrícola agroecológica, na renda dos produtores/cafeicultores familiares assentados e na qualidade de vida dos mesmos.

Em relação à produtividade dos diferentes arranjos em transição, ressalta-se que a cultura do café tem características peculiares como, por exemplo, a bienalidade (safras altas alternadas com safras baixas) e, neste sentido, os dois anos e meio de condução do projeto não foram ainda suficientes para constatar um resultado concreto. No entanto, foi interessante a participação de uma família em especial, a qual fotografou os grãos de café produzidos no mesmo lote e em dois arranjos produtivos diferentes, o orgânico a pleno sol e o convencional. A diferença no tamanho e na qualidade dos grãos produzidos no arranjo orgânico foi evidente. Este fato foi importante no sentido de promover a discussão sobre os



benefícios concretos observados neste sistema de produção. Outro fato que se destacou foi o caso de uma produtora do assentamento Santo Dias, no município de Guapé. O café orgânico produzido por ela e sua família atingiu 83,0 pontos na classificação Specialty Coffee Association of America (SCAA) de qualidade, se enquadrando dentro dos cafés especiais.

O acompanhamento e a avaliação de forma participativa e interativa dos índices de sustentabilidade (ambiental, econômica e social), dos custos econômicos e da produtividade dos arranjos produtivos agroecológicos implementados nas unidades demonstrativas, permitiram ao produtor assentado identificar os mais saudáveis e sustentáveis, além de permitir também a tomada de decisões conscientes para ações futuras.

É importante ressaltar que neste trabalho, além dos produtores assentados e suas famílias, os estudantes e a equipe coordenadora também foram diretamente beneficiados. Durante a execução do projeto (dezembro de 2012 a julho de 2015), doze discentes matriculados em cursos técnicos e superiores no IFSULDEMINAS - Campus Machado, receberam bolsas de extensão tecnológica (EXP-C), iniciação ao extensionismo (IEX) e iniciação tecnológica e industrial (ITI-B). Estes estudantes participaram de todas as atividades previstas no projeto, além de participar também dos cursos³ de formação, capacitação e qualificação que foram ministrados aos produtores.

Além disso, os discentes tiveram a oportunidade de se envolver nas atividades de organização das oficinas, palestras e cursos ministrados durante os eventos de agroecologia, promovidos pelo NEAPO, sobretudo o Encontro de Agroecologia que já compõe o calendário acadêmico da instituição e é um espaço significativo de resistência e difusão da agroecologia no campus. Além destes estudantes bolsistas, integraram e ainda integram o NEAPO aproximadamente quarenta outros estudantes de vários cursos diferentes (Técnico em Agropecuária, Técnico em Informática, Licenciatura em Ciências Biológicas, Agronomia), os quais também participaram e ainda participam das atividades do grupo (ensino, pesquisa e extensão).

³ Os temas abordados nos cursos foram: Educação e Agroecologia; Extensão Rural e Agroecologia; Soberania Alimentar e as possibilidades da Agroecologia; Desafios na produção de café orgânico; Relatos de experiências Agroecológicas consolidadas; Manejo Integrado de pragas e doenças do cafeeiro; Certificação participativa; Produção de biofertilizantes; Composto orgânico e caldas fitoprotetoras.



Neste sentido, consideramos que estes espaços foram fundamentais para a formação e capacitação destes estudantes, são jovens que contribuirão para a divulgação da agroecologia, da produção orgânica e sustentável e da preservação dos recursos naturais. E ainda, o envolvimento entre os estudantes e dos docentes com o projeto com o público beneficiado, os assentados da reforma agrária, oportunizou aos mesmos o desenvolvimento de uma consciência crítica e coletiva em relação aos aspectos sociais e ambientais abordados permitindo a potencialização da construção e socialização de novos conhecimentos.

Em relação ao público beneficiário, os produtores assentados, é importante citar que foi realizado um seminário de encerramento do projeto com o objetivo de se fazer uma avaliação e apresentação dos resultados. Nesta oportunidade foi feita uma retrospectiva das atividades desenvolvidas enfatizando os pontos positivos e as dificuldades na execução e levantamento de propostas e encaminhamentos para continuidade e consolidação da transição agroecológica.

4. Diálogo com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia

A prática de uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente e que, de igual maneira, promova a inclusão social e a melhoria das condições econômicas e sociais de quem trabalha no campo, deve ser avaliada e considerada. Segundo Caporal e Costabeber (2004) há muito tempo os homens vêm buscando estilos de agricultura mais sustentáveis, capazes de proteger os recursos naturais e que sejam duráveis no tempo, tentando assim fugir do estilo convencional que passou ser hegemônico desde o início do século XX. É neste sentido que a experiência aqui relatada se fortalece, ou seja, na busca por meios de produção mais sustentáveis, os quais garantam a preservação da natureza, da vida e ao mesmo tempo garanta qualidade de vida para o homem do campo e também das cidades.

Conforme Mancio et al. (2009), grande parte da agricultura familiar camponesa ainda reproduz um modelo produtivo inapropriado à sua realidade local, os quais não possuem bases ecológicas, degradam os biomas nativos e os agroecossistemas, exaurindo as condições necessárias para garantir a segurança alimentar e a geração de renda através da produção familiar. O cultivo de café sob o sistema



convencional, com utilização de adubos sintéticos e agrotóxicos de amplo espectro, corresponde à quase totalidade dos plantios brasileiros, o que mantém o produtor dependente de recursos externos, elevando o custo de produção e inviabilizando a sustentabilidade do agroecossistema cafeeiro. Para o produtor assentado esta realidade não é diferente. Buscar formas alternativas de produção que associem a produção e garantia de renda à sustentabilidade, torna-se então extremamente necessário.

Desta forma, um dos grandes desafios para a mudança do modelo convencional de agricultura para um modelo que prioriza as bases ecológicas é estabelecer um processo transitório. Substituir, diminuir, ou mesmo, extinguir o uso de insumos sintéticos e tóxicos é insuficiente, sendo necessário apresentar alternativas transitórias que passam pela otimização dos recursos existentes na unidade produtiva, convencimento e potencialização do conhecimento das famílias camponesas e adoção de práticas agroecológicas. Muitas dessas alternativas podem ser utilizadas conjuntamente, de forma aleatória, gradual ou complementar (FEIDEN et al., 2002; CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

Para se chegar a sistemas agroecológicos efetivos devem-se levar em consideração os aspectos sociais e econômicos, não somente os ambientais. Por isso, não basta simplesmente extinguir, irresponsavelmente, a utilização de agroquímicos das lavouras de um ano para outro. Essa ação pode ter resultados pouco positivos dentro da dinâmica das famílias camponesas, quando estas, passarem a alcançar menores índices de produtividade e ter maiores problemas nos tratos culturais. Para um camponês as respostas econômicas e sociais, são a priori mais importantes do que as ambientais, devido à necessidade de sua reprodução e de sua família, mas que também não deixa de estar intimamente ligado ao seu bem-estar e sobrevivência. Abrir mão destes aspectos trará resultados desastrosos quanto ao convencimento da necessidade de mudança.

Por isso, a importância do debate da transição agroecológica, entendida como um processo que leva em consideração os pilares do ambiental, social e econômico. A imposição de conhecimentos e padrões exógenos para as comunidades campesinas representa uma opção pela marginalização de suas populações uma vez que, sem poder de decisão, as pessoas tornam-se objetos da ação, nunca sujeitos (MOREIRA e FÁVERO, 2011).



Segundo Pupo e Cardoso (2010), um dos grandes desafios do ensino-aprendizagem em Agroecologia é apontar a necessidade de novos paradigmas científicos para a construção do conhecimento. O conhecimento sobre a produção agroecológica do café necessitou, portanto, ser reconstruído com os sujeitos em aprendizagem, em situações de problematização da realidade, diante das possibilidades de realização e diante dos contextos encontrados.

É importante enfatizar que durante todo o processo as relações entre a equipe técnica e todos os envolvidos se pautou na horizontalidade, com encontros regulares em reuniões tanto nas áreas de assentamentos/acampamentos como no campus, no respeito dos diversos saberes e, sobretudo, na construção coletiva de novos conhecimentos. A educação popular pautada nos ensinamentos de Paulo Freire (FREIRE, 2009) se tornou imprescindível para a concretização desse processo.

5. Considerações finais

Apesar de não serem muitas as experiências de produção de café a partir de bases ecológicas na região sul de Minas Gerais, uma experiência de transição da cafeicultura convencional para a cafeicultura agroecológica com os beneficiários da Reforma Agrária foi pioneira. Também são poucas na literatura científica às comparações realizadas entre os arranjos produtivos de cafeeiros SAT – sem agrotóxico, orgânico e agroflorestal orgânico, principalmente publicações que levem em consideração o envolvimento e participação das famílias camponesas. Acredita-se que com a realização deste trabalho, os estudantes, a equipe coordenadora e os produtores assentados e suas famílias ampliaram e se apropriaram de saberes e experiências importantes e desta forma contribuíram para os avanços necessários no processo de transição da cafeicultura convencional para agroecológica na região, contribuiu para o desenvolvimento social, local e regional e, principalmente, ampliou a perspectiva da prática de uma agricultura sustentável, além de fortalecer luta do campo por uma reforma agrária popular.

Ressalta-se ainda a essencialidade de se pautar a educação do campo numa perspectiva que valoriza diferentes saberes e se propõe a construção de novas possibilidades para fortalecimento dos



sujeitos envolvidos e no cumprimento da função social da instituição educacional, ao atender a realidade do entorno institucional e de levar para comunidade o conhecimento construído. A extensão se coloca essencial no processo, sempre vinculada ao tripé ensino/pesquisa/extensão, pois ela viabiliza a horizontalidade entre os sujeitos e em uma construção de algo novo com contribuição direta às condições de vida de cada envolvido. Nesta perspectiva, os fundamentos da produção agroecológica supõem novas relações de respeito e mutualidade e isso se materializa com ações, como as propostas do projeto.

Sem dúvidas, as contribuições se percebem para além das áreas de transição propostas, visto que os sujeitos que participaram já não são os mesmos que eram no início, eles carregam novos conhecimentos, novos aprendizados, novas relações, novas superações. É com este intuito que nos colocamos na continuidade de ações como esta.

Referências

- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. 1 ed. Brasília: MDA/SAF/ DATER-IICA, 2004. 24 p.
- FEIDEN, A.; ALMEIDA, D.L.de; VITOI, V.; ASSIS, R.L.de. *Processo de conversão de sistemas de produção convencionais para sistemas de produção orgânicos*. In: Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v.19, n.2, p.179-204, maio/ago. 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 148 p.
- MANCIO, A. B; PASSOS, G. R; LIMA, D. V. *Integração lavoura – pecuária em sistemas agroflorestais*. In: Simpósio Brasileiro de Agropecuária Sustentável: agricultura, pecuária e cooperativismo, 1., 2009, Viçosa. Anais... Viçosa: MG, 2009. p. 197-215.
- MOREIRA, G. D. L. B.; FÁVERO, C. *Materiais Educativos para a Comunicação com a Agricultura Camponesa na Perspectiva da Agroecologia*. Educação em Revista, Marília, v.12, n.2, p.75-90 jul-dez, 2011. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/2488/2025>>. Acesso em: ago. 2016.
- PUPO, M. de A.V.; CARDOSO, M. M. R. *Reflexões sobre a formação de técnicos-educadores em Agroecologia no campo*. In: Revista Agriculturas, v.7, n.4, p.12-16, dez. 2010.

